

que o possuidor traz fechadas nalgum ridículo aviário ou tabuinha de cera, que ele conhece enquanto as possui, conquanto não as tenha à mão no pensamento? Desse jeito, sereis forçados a andar à roda dez mil vezes, sem adiantar um passo. Diante disso, Teeteto, que lhe responderíamos?

*Teeteto* – Por Zeus, Sócrates; a la fé, não sei o que dizer.

*Sócrates* – Não te parece justa, menino, a censura de nosso argumento, quando nos increpa de erro por procurarmos a opinião falsa antes do conhecimento, deixando este de lado? Pois não será possível conhecer aquela antes de saber o que vem a ser conhecimento.

*Teeteto* – Nas presentes circunstâncias, Sócrates, é a conclusão que se impõe.

XXXVIII – *Sócrates* – Então, para começar, que diremos, mais uma vez, que seja conhecimento? Pois estou certo de que não vamos parar aqui.

*Teeteto* – De jeito nenhum; salvo se desanimares.

*Sócrates* – Então, dize qual é a melhor maneira de defini-lo sem nos contradizermos muito.

*Teeteto* – Precisamente a que tentamos há pouco, e Sócrates; não vejo outra saída.

*Sócrates* – Qual é?

*Teeteto* – Opinião verdadeira é conhecimento. O pensamento certo está isento de erro, e tudo o que sai dele é belo e bom.

*Sócrates* – O guia para passar o rio a vau, Teeteto, costuma dizer: É o que ele mesmo vai demonstrar daqui há pouco. Assim estamos nós; se levamos adiante nosso estudo, talvez iremos bater com os pés no que procuramos; aqui, parados, é que nada se esclarecerá.

*Teeteto* – Tens razão; prossigamos e investiguemos.

*Sócrates* – Não vai ser longa essa investigação. Uma arte inteirinha está a indicar que conhecimento não é isso.

*Teeteto* – De que forma? E que arte é essa?

*Sócrates* – A dos grandes mestres de sabedoria, que denominamos oradores e advogados. Não é com sua arte e ensinando que eles convencem os outros, mas levando-os, por meio da sugestão, a admitir tudo o que eles querem. Acreditas, mesmo, que haja profissionais tão habilidosos, a ponto de demonstrarem a verdade do fato, para quem não foi testemunha ocular de alguma violência ou roubo de dinheiro, no pouquinho de tempo que a água corre na clepsidra?

*Teeteto* – De jeito nenhum posso acreditar nisso; o que eles fazem é persuadir.

*Sócrates* – E persuadir, no teu modo de pensar, não é levar alguém a admitir alguma opinião?

*Teeteto* – Sem dúvida.

*Sócrates* – Nesse caso, quando os juízes são persuadidos por maneira justa, com relação a fatos presenciados por uma única testemunha, ninguém mais, julgam por ouvir dizer, após formarem opinião verdadeira; é um juízo sem conhecimento; porém ficaram bem persuadidos, pois sentenciaram com acerto.

*Teeteto* – Isso mesmo.

*Sócrates* – No entanto, amigo, se conhecimento e opinião verdadeira nos tribunais fossem a mesma coisa, nunca o melhor juiz julgaria sem conhecimento. Mas agora parece que são coisas diferentes.

*Teeteto* – Sobre isso, Sócrates, esquecera-me o que vi alguém dizer; porém agora volto a recordar-me. Disse essa pessoa que conhecimento é opinião verdadeira acompanhada da explicação racional, e que sem esta deixava de ser conhecimento. As coisas que não encontram explicações não podem ser conhecidas – era como ele se expressava – sendo, ao revés disso, objeto do conhecimento todas as que podem ser explicadas.

*Sócrates* – Falas muito bem. Porém dize-me como ele distingue as conhecidas das que não são, para vermos se eu e tu ouvimos a mesma cantiga.

*Teeteto* – Não sei se poderei recordar-me; porém se alguém fizer essa exposição, penso que me será fácil acompanhá-lo.